



DIOCESE DE SÃO LUÍS DE MONTES BELOS

SÍNTESE DIOCESANA

DOCUMENTO



SÃO LUÍS DE MONTES BELOS
GOIÁS

A EXPERIÊNCIA SINODAL: DIMENSÃO ESPIRITUAL

O tempo do sínodo é um tempo singular. Cada Igreja Particular é motivada a compreender a importância deste movimento e a dedicar seus esforços de modo a gestar um processo que reflita com coragem e grande discernimento os desafios e as conquistas de seu tempo. Em São Luís de Montes Belos, uma diocese composta por 42 paróquias organizadas em 4 foranias e que abrange 37 municípios do chamado “mato-grosso goiano”, assumimos este compromisso e destacamos os passos que constituíram nossa experiência sinodal:

PRIMEIRO PASSO

Reunião com o clero para apresentação do sínodo realizada pelo Bispo Dom Lindomar Rocha Mota e pelo padre João Aurélio, responsável pela coordenação diocesana da pastoral.

SEGUNDO PASSO

Celebração de abertura realizada no dia 18 do mês de outubro de 2021.

TERCEIRO PASSO

Divulgação do material de orientação (Documento preparatório e Vademecum: manual oficial de escuta e discernimento) e do cronograma de ações, no qual foram comunicadas todas as fases de trabalho: paroquial, forânea e diocesana.

QUARTO PASSO

As foranias realizaram reuniões nas quais as equipes de trabalho das paróquias receberam as orientações.

QUINTO PASSO

Cada paróquia, inspirada pelas orientações e ações diocesanas, realizou a respectiva experiência sinodal composta por celebração de abertura, encontros com as equipes (de acordo com o cronograma de ações para vivência do processo de espiritualidade e de escuta) e elaboração da síntese referente à fase paroquial.

SEXTO PASSO

As paróquias enviaram suas respectivas sínteses às equipes das foranias que, por sua vez, elaboraram as sínteses forâneas.

SÉTIMO PASSO

As sínteses forâneas foram analisadas para compor a síntese diocesana.

OITAVO PASSO

O bispo analisou a síntese e conferiu a publicação.

NONO PASSO

Divulgação da síntese final à toda a diocese.

DÉCIMO PASSO

Celebração de encerramento dos trabalhos diocesanos no mês de outubro de 2022.

Esta realidade nos compromete de forma mais concreta e efetiva com nossa missão evangelizadora.

FRUTOS DO DISCERNIMENTO: A QUESTÃO FUNDAMENTAL E OS NÚCLEOS TEMÁTICOS

A QUESTÃO FUNDAMENTAL

- a) Como é que este “caminhar juntos” se realiza na nossa Igreja Particular?
O “caminhar juntos” acontece com a participação dos fieis nas paróquias. Inseridos nas comunidades, pastorais e movimentos, dão animo e vigor a vida paroquial e diocesana na execução de diversos trabalhos pastorais. Ressaltamos que em nossa diocese há satisfatória participação dos leigos na evangelização e a relação fraterna com o clero local.
- b) Que passos o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso “caminhar juntos”?
Ouvindo o Espírito podemos concretizar os seguintes passos: não se isolar, criar espaços de diálogo e escuta, partilhar as decisões, fortalecimento dos conselhos paroquiais, fortalecer os momentos de oração, ser igreja em saída, recordar a nossa história, valorização e participação dos jovens, atenção aos idosos, superar as divergências, curar as feridas que surgiram no decorrer do tempo, fortalecer os vínculos dentro das comunidades e renovar a dimensão missionaria da igreja diocesana.

NÚCLEOS TEMÁTICOS

1. COMPANHEIROS DE VIAGEM

O primeiro aspecto que destacamos para a análise do que aqui se questiona é a afirmativa de que a Igreja e a sociedade caminham lado a lado na mesma estrada. Estaríamos realmente caminhando na mesma estrada? Diante de tantas realidades que divergem dos princípios cristãos e que afetam profundamente a dignidade da pessoa humana (o direito à vida é um deles, haja vista as discussões sobre a descriminalização do aborto) seria possível este diálogo? Acreditamos que sim e este é o grande desafio a ser assumido. Não é tarefa fácil. Para crescer como companheiros torna-se premente a efetivação de um diálogo com os diversos âmbitos sociais em vista de garantir não somente os direitos que lhes são fundamentais, mas fundamentalmente, o anúncio do evangelho no dinamismo do mundo atual. No diálogo com as políticas públicas, por exemplo, é reconhecida a efetivação de experiências nas quais os fiéis encontram-se engajados (associações e organizações civis), porém, eles mesmos reportam grandes dificuldades para a legitimação dos princípios cristãos. A crescente cultura do individualismo, na qual as pessoas se tornam cada vez mais indiferentes ao sofrimento humano, nos inquieta e temos buscado superá-la fortalecendo primeiramente em nós o que cremos e celebramos. Manifestamos publicamente a nossa fé (procissões, novenas e orações nas casas), criação de novas comunidades e paróquias para bem atender às realidades locais e nos aproximarmos de suas questões, auxílio aos necessitados (ações pastorais junto aos pobres, enfermos, idosos, dependentes químicos, deficientes). Assim nos tornamos presentes e por meio das ações que realizamos (doação de cestas básicas, apoio a creches, visitas aos hospitais e abrigo para idosos, a estruturação dos assentamentos, a criação de uma comissão para a proteção dos menores e pessoas vulneráveis) buscamos tanto o apoio quanto a responsabilização da sociedade civil sobre o que tanto fere a vida humana.

Deixados à margem estes nossos irmãos e irmãs mais fragilizados sofrem tanto nos grandes centros quando nas comunidades locais e rurais. E muitas vezes é a ação pastoral caritativa da Igreja a primeira e única medida de apoio.

Muito ainda há para ser feito: em algumas realidades paroquiais ainda precisamos estar mais próximos deste diálogo com a sociedade, desenvolvendo as ações que acolham aqueles que estão à margem. Na convivência diária em nossas famílias, junto aos amigos, no trabalho, entre vizinhos buscamos dinamizar nossa presença e pertença e junto aos mais jovens precisamos ter uma atenção especial.

Deixar de lado os julgamentos para ter um olhar mais fraterno é uma urgência a ser alcançada neste processo. Muitas vezes como Igreja nos fechamos e deixamos aqueles que não fazem parte dos grupos e pastorais à margem, sem lhes oferecer um caminho para que possam se aproximar e fazer uma experiência com Deus e com a Igreja. A isso estamos nos organizando para bem acolher a todos, sem distinção.

2. OUVIR

Com quem está a nossa Igreja particular “em dívida de escuta”?

Nossa igreja ainda tem dificuldades de escutar. Aqueles fieis que não pertencem às lideranças pastorais e grupos de serviço da igreja, raramente se percebem no direito de falar, por vários motivos: medo, falta de oportunidade, vergonha, falta de acolhimento, sentimento de inferioridade. Podemos dizer que estamos em dívida de escuta com os marginalizados de toda natureza, os pobres em algum aspecto de vida, as mulheres, os jovens, os encarcerados, os moradores de rua, os idosos, os que por algum motivo não frequentam as missas, os idosos e os enfermos.

Como são ouvidos os Leigos, de modo particular os jovens e as mulheres?

Acreditamos que as mulheres são ouvidas, porque elas são a maior parte da Igreja, no entanto os jovens precisam de mais incentivos para ter mais voz e vez, e quando os ouvimos muitas das vezes não fazemos nada para acolher, nem para permanecer juntos nesse caminhar.

Que espaço ocupa a voz das minorias, dos descartados e dos excluídos?

Infelizmente não há uma iniciativa diocesana. O que acontece são atividades isoladas em creches, lar de acolhida de idosos e nos assentamentos. Outras populações não são alcançadas.

3. FALAR

Conseguimos dizer o que é importante para nós por meio do testemunho de vida que damos e vivendo com fé e entrega das nossas vidas a Deus e aos irmãos. Mais do que falar com palavras, como cristãos somos chamados a viver o que cremos e professamos. Este princípio é o que buscamos desenvolver junto aos fiéis de nossa diocese.

O uso da palavra, reconhecemos, no entanto, que historicamente era realizado pela pessoa do padre e somente nele encontrava autoridade. Com o tempo as organizações pastorais dos fieis leigos foram formadas e as pessoas assumiram diversas responsabilidades e uma delas é a de falar em nome da comunidade cristã.

Sabemos que quem fala em nome da Comunidade Cristã precisa ter autoridade constituída pela Igreja e também os líderes de pastorais e movimentos, que são pessoas atuantes nas comunidades. Se faz importante que todas essas pessoas sejam acolhedoras, fraternas e com o olhar atento para as necessidades da comunidade e da Igreja.

Essa liberdade para falar todos nós temos, porém, são poucas as pessoas que se expressam e muitos preferem não se expor por medo de ser julgados, criticados, reflexo deste momento atual que estamos vivendo. Não falam nos seus colegiados, não se expressam de modo a

avançar em seus posicionamentos, trocar experiências e superar dúvidas, mas ‘falam’ nas plataformas das redes sociais e até iniciam discussões superficiais e infundadas. A falta de conhecimento das pessoas sobre o que a Igreja crê e professa é um agravante e também é limitadora das opiniões.

Não se trata, no entanto, de elencar e querer legitimar opiniões próprias, pessoais e que muitas vezes até mesmo se distanciam do evangelho. Podemos ter dúvidas, necessitar de maiores esclarecimentos sobre alguns posicionamentos mas precisamos estar em sintonia enquanto igreja.

As pessoas que estão à frente dos trabalhos pastorais, sejam ministros da palavra, os animadores e os coordenadores de movimentos e pastorais e todo fiel tornam-se porta-vozes e quando escolhidos entendemos que há um grau de confiança entre as pessoas envolvidas. Capacitação e treinamentos para uma boa comunicação, inclusive nas celebrações é algo que temos buscado efetivar nas nossas comunidades.

A forma como nos comunicamos, porém, precisa ser atualizada. Os ruídos que interferem são múltiplos e as pessoas por mais acesso que tenham aos mais diversos meios de comunicação e as mídias sociais acabam que não acessam e se apropriam de conhecimentos que validam e legitimam o que realmente é importante ser comunicado. Por outro lado, precisamos modernizar nossos equipamentos e torná-los mais atrativos, superando os oportunismos. A igreja tem se esforçado para agir com imparcialidade e independência.

Opiniões fechadas em si mesmas, que não dialogam e que forçam a aceitação de princípios e normas, nas quais somente um fala, e o outro escuta, não nos representam. É por meio do diálogo fraterno que alcançaremos uma melhor expressão da nossa fé.

4. CELEBRAR

Em nossa diocese são múltiplas as manifestações que possibilitam a escuta comunitária da Palavra e a Celebração da Eucaristia. A realização de visitas às casas nas quais acontecem encontros, novenas, rezas do terço tem sido iluminados com a meditação da Palavra, celebrações da Palavra são realizadas nas comunidades e formações para bem orientar a dimensão litúrgica da Igreja são realidades no meio de nós. A falta de conhecimento litúrgico reconhecemos que afeta o desenvolvimento de uma ação efetiva e vemos que muitas vezes as pessoas estão acostumadas a “assistir” as missas e muito menos a participar da liturgia.

Os momentos dedicados a resposta da assembleia nas missas e a execução de músicas litúrgicas tornam-se expressões as quais precisamos dar uma maior e melhor atenção. As pessoas somente participam efetivamente se são animadas a tomarem parte, responsabilizando-se. Neste sentido, para promover a participação ativa dos fiéis na Liturgia as pastorais, movimentos e grupos paroquiais assumem a preparação das missas e organizam os diversos momentos que as compõem. O momento da prece dos fiéis, no qual são incluídas as orações pela realidade local, torna-se um deles.

As pessoas que não fazem parte das pastorais e movimentos da paróquia precisam receber também uma atenção especial para que possam desenvolver a sua participação ativa na liturgia. Por isso, buscamos orientar para que a liturgia seja bem preparada e que as pessoas sejam bem acolhidas para que possam celebrar a fé.

O convite para que façam parte da vida da Igreja é uma realidade que também comunicamos e que nos ajuda no alcance desta promoção ativa, integrando a comunidade eclesial. Todos precisam se sentir parte de Igreja e ao celebrar todos tem a oportunidade de conhecer a Palavra de Deus através das leituras bíblicas, principalmente do Evangelho, e de se aproximar da realidade eucarística.

Algumas paróquias preocupam-se com uma participação ativa de todos seus fiéis, promovendo variedade de celebrações litúrgicas todos os dias da semana em horários diversos. A igreja aproveita também todos os tempos litúrgicos, fazendo celebrações especiais para toda a comunidade. Todo o povo, desde os menores (as crianças) é convidado e convocado a fazer parte da nossa igreja. Temos celebrações para as crianças e jovens.

Sobre os espaços reservados ao leitorado e acolitado na celebração da palavra, nossa igreja tem se empenhado em consolidar atividades e serviços desse ministério, formando periodicamente novas turmas para servir ao altar e ministrando formações continuadas.

Só assim é possível assumir o rosto e a missão da igreja.

5. COMPARTILHAR A RESPONSABILIDADE PELA NOSSA MISSÃO COMUM

A igreja tem convocado constantemente aos fiéis para a participação efetiva em sua caminhada. No entanto, muitos batizados estão frios, não se colocando a disposição de servir. A conscientização da missão é feita de forma bem responsável e esclarecida, o que falta é a própria consciência, não de todos, de que todos nós somos convocados a essa missão. O apoio vem através da catequese, dos cursos, dos encontros da CF e Natal em família.

Ser corresponsável na missão é caminhar juntos na mesma direção. Obedecendo sempre o que a igreja nos ensina. Exercemos nossos direitos eleitorais sermos éticos nas nossas tomadas de decisões. Ressalta-se ainda o pouco investimento e formação dos fiéis para atuarem nos conselhos de controle social: Tutelar, da Saúde, da Criança e do Adolescente, etc. A comunidade deveria apoiar, acompanhar, formar e fiscalizar.

Quanto aos cristãos que atuam na política partidária, falta acompanhamento efetivo. Ainda prevalece na cabeça de muitos fiéis uma confusão quanto a militância política da Igreja. Isso reflete no modo com a igreja acompanha os seus membros que exercem cargos eletivos na política.

Enquanto batizados também temos um papel fundamental na sociedade nos abrindo uns aos outros, sem medo e sem aversão a história pessoal carregada por cada um. E através dos dialogo e do olhar fraterno é possível acolher e inserir as pessoas tanto na sociedade, como na igreja.

6. DIALOGO NA IGREJA E NA SOCIEDADE

As paróquias tem se esforçado para promover o diálogo em todos os momentos da caminhada, celebrações litúrgicas e da Palavra, festas dos padroeiros, nas reuniões e encontros dos movimentos e pastorais, no Conselho Administrativo e Pastoral, etc. As divergências são enfrentadas através do diálogo, sempre iniciado com a palavra de Deus para depois aprofundar nos assuntos a serem discutidos.

O diálogo entre as diferentes denominações religiosas tem acontecido institucionalmente em ocasiões de culto ecumênico durante formaturas ou em algum outro evento social e político, no entanto esse diálogo não acontece no cotidiano da diocese.

No mundo da política o desafio é ainda maior. O acompanhamento da igreja é ineficiente. Encontra muitas resistências entre os fiéis. Muitos acreditam e defendem não ser este um campo de atuação da Igreja, infelizmente.

Vemos que nossa igreja tem abertura para o ecumenismo. Vemos que as divergências acontecem na maior parte pelos leigos, mas infelizmente ainda tem líderes religiosos que influenciam a divergência das religiões, de modo que cada um defende o seu modo de pensar.

7. ECUMENISMO

A Igreja Católica compõe o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) e por princípio reconhece a importância do ecumenismo para bem dinamizar as suas ações. Em nossa diocese não estão presentes no território.

Reconhecemos a importância das Campanhas Ecumênicas e as paróquias avaliam as condições e viabilizam, em especial no tempo da quaresma, a forma de participação.

A Semana de oração pela unidade cristã é uma realidade que ainda precisa ser solidificada no meio de nós.

Mesmo não tendo este diálogo direto com essas realidades, compreender o que é o ecumenismo e a sua importância é uma realidade que buscamos efetivar em nosso meio. Encontros de formação foram realizados em algumas paróquias com o objetivo de esclarecer o que este fenômeno significa.

O diálogo e as iniciativas pastorais em especial no que se refere à validade de sacramentos ministrados por estas Igrejas também são orientações as quais dedicamos atenção.

8. AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO

No âmbito da autoridade e governança prevalece o diálogo, colaboração, testemunho e responsabilidade pelo serviço. Distribuindo funções, participando ativamente, tendo responsabilidade e compromisso é possível praticar nossos trabalhos em equipe e desta forma podemos colher bons frutos da sinodalidade em nossa igreja. Os conselhos e órgãos da igreja local funcionam de forma organizada, buscando efetuar reuniões frequentes para solucionar problemas e buscar melhorias para a paróquia. Os líderes sendo mais acolhedores, convidando mais pessoas e possibilitando a integração dos leigos e leigas, afim de promover uma abordagem mais sinodal em sua liderança. Segundo as respostas há uma hierarquia a ser seguida e ao mesmo tempo uma abertura de autoridade participativa aos leigos nos movimentos, pastorais e conselhos, lembrando que o padre exerce maior autoridade dentro das comunidades. A exemplo do Papa Francisco devemos seguir a humildade de um líder e estar disponível ao seu agir, no modo de ação e no seu modo de seguir a Cristo. A divisão de tarefas e o decidir juntos, nos leva a resultados positivos e evangelizadores.

9. DISCERNIMENTO E DECISÃO

Concretamente a participação dos fiéis na vida da comunidade e promovida na organização e articulação das várias pastorais e movimentos com suas coordenações e ministérios; na participação nos vários serviços existentes na caminhada paroquial. Outros espaços de participação e tomada de decisões são as reuniões periódicas dos Conselhos de Pastoral e Administrativo. Destaca-se ainda a necessidade de crescimento no exercício e na compreensão do serviço como expressão clara e concreta da sinodalidade. Neste sentido, algumas pistas de ação que se destacam em nossa ação pastoral são:

- Incentivo à participação de todos os fiéis nos movimentos de espiritualidade, oração e nas celebrações.
- Promoção de momentos comunitários, evitando os eventos particulares e fechados de um só grupo, movimento ou pastoral, que pode acabar provocando exclusão de pessoas.

- Reconhecimento da urgência de formação humana e do comprometimento de cada pessoa com a Igreja.
- Nos momentos de tomadas de decisão prevalece a oração, a escuta e partilha do problema para ser resolvido.
- Formações oferecidas pela a igreja, ouvindo as opiniões com amor e respeito, mesmo sabendo da dificuldade de ouvir a todos.
- Consulta e discernimento para tomar a melhor decisão para colocá-la em prática.
- Divulgação para a comunidade dos resultados, conquistas realizadas; prestando contas podemos promover a transparência das ações.
- O crescimento do discernimento espiritual comunitário encontra-se na abertura para ser evangelizado e assim compreender melhor o propósito de Deus e somente podemos alcançar as pessoas quando propomos ações que respeitam a realidade e a cultura local, dialogando para encontrar respostas aos desafios.
- Promover espaços de diálogo nos quais os fiéis tenham voz para manifestar e apresentar novas ideias, para além dos conselhos já instituídos.
- Utilização dos meios de comunicação social na mobilização das ações.
- Por meio da Escuta da palavra de Deus, nas homilias, nas reuniões com os padres, coordenadores e líderes de nossa igreja.
- Integrar verdadeiramente a vida aos ensinamentos apresentados nas celebrações.

10. FORMAR-NOS NA SINODALIDADE

Formar para o discipulado é um desafio constante a ser enfrentado pela igreja. As paróquias tem oferecido formação específica para os grupos que atuam nas comunidades. Embora é preciso intensificar esse trabalho motivando a maior participação dos fiéis. Algumas áreas como liturgia, acólitos, coroinhas e catequese tem tido naturalmente um maior investimento humano no processo formativo. Em outros setores a carência é maior. O processo formativo é dificultado pela rotatividade de lideranças seja por motivos de estudos acadêmicos ou por mudanças.

Sugere-se unificar mais as reuniões e encontros de formação de coordenadores de pastorais e movimentos, possibilitando maior participação e unidade entre todos. Deve-se ainda estar atentos a programação da diocese para promover com maior empenho a sinodalidade e, consequentemente o caminhar juntos.

Que possamos caminhar juntos sendo uma igreja que se deixa ser movida pelo Espírito Santo, tendo oração e formação fazendo sempre reflexão de uma igreja em saída, delegando funções aos leigos e confiar a missão da propagação da fé.

CONCLUSÕES

A experiência de caminhar juntos nos traz a mente que uma igreja não se realiza só. Precisamos estar em comunhão, professando uma só fé em Cristo.

Caminhar juntos nos proporciona a alegria de discípulo de Cristo, iluminados pelo Espírito Santo de Deus com ânimo e boa disposição.

Caminhar juntos é superar obstáculos diários, estar motivado para não se afastar do caminho traçado, superar as feridas que emergem como sinais do nosso tempo.

Caminhar juntos guiados pelo Espírito Santo nos abre o caminho iluminados pela presença de Jesus, como iluminou os discípulos de Emaús.

Caminhar juntos nos dá experiência da presença do Espírito Santo em todos os momentos: nos grupos de oração, na família, no trabalho, nos pedindo sempre a união.

Ao caminhar juntos o ponto difícil é encontrar o consenso, porque precisa de todos os envolvidos dando passos para a mudanças caminhando com a Igreja.

Somos uma Igreja Una.

Toda realidade precisa nos conduzir à unidade.

A palavra de Deus nos inspira para este caminhar. Os documentos da Igreja tanto nos inspiram quanto orientam.

As formações contínuas, os conselhos de pastorais e econômico caminham juntos e assim fortalecem a pastoral de conjunto.

Temos, como foi possível constatar na realização deste processo sinodal, a necessidade de sair e ir ao encontro, de visitar as famílias, de acompanhar as mais diversas dores que nos acompanham em nossa existência.

Caminhar juntos é interagir com todas as pastorais. Só assim nos traz alegria e união, conhecimento para que possamos transmitir de forma clara e evidente a Palavra aos que ainda não tem conhecimento.

Para caminhar juntos nós temos que ser cristãos. Esta certeza se expressa no amor ao próximo, sabendo ouvir e dialogar com alegria e simplicidade de coração.

Para caminhar juntos um dos primeiros passos que realizamos foi a MISSÃO CONTINENTAL, onde reuniram-se todas as pastorais e movimentos em missão. Outras ações foi reunir toda a igreja para as ações cotidianas: cada pastoral foi dada orientação para o compromisso de acordo com a necessidade de cada uma, missas nas comunidades urbanas e rurais, seguindo calendário; visita aos irmãos enfermos e afastados. Estas ações e outras nos proporcionaram satisfação e alegria em poder partilhar um pouco do nosso conhecimento e também aprender com eles e saber de suas experiências.

Através das escutas com o povo de Deus, compreendemos que este caminhar juntos em nossa Igreja nos faz lembrar de grandes passos que a nossa comunidade paroquial tem dado, através de formações que possibilitam o conhecimento do povo de Deus, ajudando-os a amar mais a Igreja; as práticas devocionais como a oração do Terço nas famílias, na Igreja antes das Missas, algo importante e essencial porque reaviva a fé, e nos conecta mais próximos de Deus; os eventos para arrecadar fundos para melhorias da Igreja ou na ajuda de famílias necessitadas; a presença constante dos padres residentes, que contribuem na formação do povo de Deus, assim como, fortalece vínculos através de visitas as famílias, aos idosos e enfermos, levando Cristo a todos aqueles que estão necessitados; as novenas e tríduos em honra aos Santos padroeiros da comunidade, ajudando a reforça a importância e valor que eles possuem na vida espiritual de cada paroquiano, assim como, faz recordar através do seu exemplo de que é possível chegar a santidade, mesmo com as dificuldades e limites que cada pessoa possui; a parte social das festas também contribui para a união e o fortalecimento entre todos. Ao mesmo tempo, as escutas nos recordam de momentos difíceis enfrentados pela Igreja e feridas deixas

ao longo tempo, devido ao não comprometimento das alguns fieis que não alcançaram o discernimento necessário sobre as orientações da Igreja, assim como, outros que se afastam por não sentirem acolhidos, por não receberem uma palavra de apoio ou de incentivo, por não serem visitados em momentos difíceis.

Diante das escutas realizadas o Espírito nos convida a esforçar para encontrar meios que sejam capazes de motivar, animar e engajar todos aqueles que se sentem desanimados e não estão comprometidos com o serviço nas coisas de Deus, mas sobretudo, nos pede que sejamos perseverantes para manter o foco em Jesus Cristo.

Nos convida a melhorar nossa maneira e postura diante das coisas de Deus, dedicando-se a viver bem os momentos de oração, elemento essencial para manter perseverantes na fé, diante das dificuldades da caminhada.

Nos convida a melhorar nossa maneira de agir, mas sobretudo, de acolher aqueles que se afastaram da Igreja, procurando ir ao encontro deles, desenvolvendo nossa maneira de escutar, pois, muitos se queixam da presença de pessoas que os possa escutar, assim, como possa também aconselhar, ajudar nas suas necessidades físicas e espirituais.

Nos motiva a ser mais humildes e fervorosos na fé, para que, onde estivermos sejamos reflexo da nossa fé, de Cristo, procurando dar um testemunho autentico e verdadeiro da Palavra de Deus.

Nos pede que sejamos incansáveis na busca do amor de Deus, para não desistirmos das nossas responsabilidades e ter sempre a sensibilidade de compreender o outro com as suas indiferenças. O “caminhar juntos” nos remete às nossas falhas quando deixamos de atender as dificuldades, as ignorâncias (no que tange o conhecimento) dos nossos irmãos em relação ao “o que fazer para ajudar e ser ajudado”, para o bom desempenho da nossa missão evangelizadora.

Para caminhar juntos devemos solidarizar com a situação do próximo, nas pastorais e movimentos, na comunidade estendendo a mão até a sociedade que nos cerca por meio de estudos formativos, espiritualidade, nas festividades, nas missões e outros, como retiros espirituais.

Isso nos alegra em saber que temos compromisso para com nossa paróquia (Forania, diocese, regional e nacional) pois onde estivermos sabemos e podemos desenvolver nosso conhecimento e nossa vivência com Cristo, em Cristo e por Cristo. O Evangelho nos proporciona a maior alegria em caminharmos juntos, o que nos leva ao encontro dos irmãos, principalmente os excluídos.